

fito programático de base a percepção hermenêutica da Igreja Católica nas suas diferentes manifestações e redes de relações e afirmações como uma realidade tudo menos uniformizada, os organizadores deste livro e os seus autores propõem-nos que seja abordada, questionada e compreendida também pluralmente mediante diversos prismas.

De facto, o Brasil, país do mundo que desenvolveu uma das mais vastas experiências de institucionalização da Igreja Católica, sendo um dos territórios nacionais com mais dioceses, é também aquela geografia social onde o catolicismo é mais diverso, mais criativo e mais poroso a sincretismos vários em tensão permanente com o esforço da hierarquia católica no sentido de garantir a fidelidade à ortodoxia doutrinal definida desde Roma.

Estudar, pois, o catolicismo brasileiro é, com efeito, estudar uma experiência de implantação e afirmação da Fé Cristã confessionalizada numa estrutura modeladora com uma história que não é desligável da história do país e das derivas internacionais da religião e da política.

A obra que aqui recenseamos é bem reveladora da complexidade e diversidade do catolicismo brasileiro modelado,

mas ao mesmo tempo condicionado de uma forma dialógica pela estrutura do poder internacional da Igreja.

O leitor e o estudioso pode encontrar neste livro ótimos estudos que se têm desenvolvido no Brasil no plano académico por jovens investigadores ao lado de estudiosos mais experimentados. Estamos perante uma partilha de investigação em que se propõem novas abordagens do catolicismo de uma forma que procura ser rigorosa e comprometida com o fim de compreender a experiência católica como realidade plural.

Além do grande interesse e da novidade dos temas aqui estudados, esta obra abre novas perspectivas de pesquisa que podem empenhar novos investigadores no aprofundamento e diversificação do estudo do catolicismo que é, com efeito, um universo quase infinito de possibilidades de conhecimento e de significação.

Ler esta obra é encetar de facto uma aventura de compreensão que deve ser em primeiro lugar a missão da construção da história como revisitação do passado guiada por uma insistente interrogação.

*José Eduardo Franco*

• *A PRIMEIRA PEDRA*

*Sérgio Nazar David*

Editora: 7Letras (ISBN 9788575773192)  
Rio de Janeiro, 2006 - 76 pp.

É verdade que uma simples palavra, como diz o Poeta, "acende o que está perdido"... Porém, *A Primeira Pedra* é muito mais do que uma palavra, muito mais do que um simples verso que, no dizer de Sérgio Nazar David, "ia morrer comigo". *A Primeira Pedra* é um clamor de libertação, um grito de resgate, um arco-íris de promessa, um verdadeiro apelo à vida, ou, se preferirmos, uma esperança de ressurreição, apesar das

múltiplas "(...) sombras tortas / que a vida tem". Uma esperança que se estende aos que já partiram e que se vislumbra na bela imagem de uns braços que se alongam para chorar com o Poeta: "(...) Tudo / já estava terminado, e eis-me / aqui de novo a teu lado." Uma esperança, igualmente, para os que ainda cruzam o deserto em demanda de um oásis, em busca de uma nova partida, ou, quem sabe, para aqueles que procuram incessantemente o rumo de uma ilhazita perdida, algures, nas rotas agrestes do mar: "Perto de cada ilhazita, a mesma dor das coisas extraordinárias, como na primeira viagem."

No livro *A Primeira Pedra*, a vida é pintada como uma viagem semeada de viagens, com partidas e novas partidas... “Nova partida, e de novo um pouco de «não sou nada»”... Sempre esperando a hora da tão desejada chegada a um porto de abrigo... É assim que é a vida, no dizer do Poeta Sérgio Nazar David: “entregar-se e esperar, como esperam / no poema todos os poemas.” Fado triste do velho poeta de Lisboa que “(...) talvez / dissesse em Lisboa tudo ama”, destino... Sim, “Nós somos assim, / estamos sempre no meio e, entendam, / não há nisso qualquer mácula, apenas destino (...)”. Mas, a vida é fundamentalmente, para o Poeta, luta e sonho, de alguém que não se deixa resignar: “Nossas asas um dia vão querer voltar para casa.” Um sonho, apenas adiado, de um dia chegar a ver as colinas verdejantes de Zahle... ou simplesmente assistir e sentir ao renascimento do que parecia estar irremediavelmente inanimado, morto...

É, em última análise, o pulsar intenso da vida que se sente nos poemas do livro *A Primeira Pedra*, de Sérgio Nazar David, publicado pela Editora 7 Letras, no ano de 2006... A sede de um renascimento, que o Poeta sabe que só é possível através do amor, isto porque “A alma está presa / nas conchas, nas algas, no vestido, / na maresia, na mágoa...” Também Jesus “chorou” antes de ressuscitar Lázaro... E a tristeza conduziu ao verdadeiro milagre da ressurreição...

O ciclo da vida, pontuado pelo desejo do recomeço, pelos mais singelos gostos, afectos, ilusões e desilusões, é habilmente traçado nos versos de Sérgio Nazar Da-

vid e porque nada “(...) vale mais que uma canção...”, quase nos perdemos a ouvi-lo cantar “Tu sabes bem quantas mágoas tem meu coração, e os punhais cravados pela ingratidão...” E depois do canto triste, persiste o sonho de ser amado de longe, como o amou aquele cachorro branco, Igor, a longa espera no deserto... “Eu também sou a fera / que você é, embora minta / com versos de amor.”

E depois “(...) de tudo a vida ainda cingida?”, pergunta o Poeta. Depois das cinzas, a vida segue a sua marcha “Inexata, rude, proterva, nascendo / quando os próprios astros se extinguem...” E o homem, o sobrevivente, faz a primeira pedra de “(...) vento, de / puro silêncio, de azeite (...)”, com o medo da gente que reteve no seu peito... E a mágoa e a tristeza dão lugar ao azul da esperança, ao desejo do recomeço, à luz do renascimento interior... Ao resgate só possível pela via do amor, ao “romper a casca da vida”, à semelhança da tristeza sentida pelo Filho de Deus perante a morte de Lázaro. Na sua profunda mágoa reconheceram os judeus o sentimento superior do amor: “Vêde como o amava...” Foi este sentimento que operou o milagre da ressurreição... As “lágrimas” do Filho de Deus acabariam por transformar-se em vida... Ao chegar ao sepulcro, Jesus pediu “Tirai a pedra” e bradou em voz alta: “Lázaro, sai para fora”... E Lázaro saiu...

*A Primeira Pedra* de Sérgio Nazar David é a pedra de Lázaro... Aquela que se move pelo sentimento do amor e que vence a própria barreira da morte...

*Ana Cristina da Costa Gomes*

